



Ao observar fotos da Unité d'Habitation, de Le Corbusier, o pai do brutalismo, é fácil fazer relações visuais com Brasília



Julio Roberto Katinsky/Arquigrafia



Detalhes do Sesc Pompeia

forma pessoal, prefere não entrar nessa discussão, por receio de torná-la superficial. O que podemos dizer, com certeza, é que ele trata de um conjunto de produções robustas que surgiram na primeira metade dos anos 1950 e se difundiram pelo mundo nas duas décadas seguintes.

Ser ou não ser

Nesse contexto, parte dos arquitetos, como Marcela Peres Chagas, acredita que apenas as edificações criadas entre as décadas de 1950 e 1970, no contexto pós-guerra, no qual a ideia era economizar tempo e recursos, podem ser chamadas de brutalistas. As demais, criadas fora desse período, seriam apenas obras com características brutalistas.

“É polêmico, mas, na minha concepção, uma edificação construída hoje, mesmo que tenha toda a essência e características, não é brutalista. Se alguém pintar agora um quadro com estética renascentista, ele não vai ser considerado renascentista. Para mim, é o mesmo pensamento”, completa.

Marcela comenta ainda que, hoje, o concreto armado e aparente é bem querido por muitas pessoas, mesmo fora do mundo da arquitetura, o que não acontecia na época em que o estilo surgiu. “Era

realmente muito brutal, pesado, os materiais brutos e sem casca, a estrutura exatamente como ela é. Isso não era tão popular ou considerado bonito.”

Luiza Loivos de Azevedo Ceruti, arquiteta e urbanista e mestrandia em arquitetura na UnB, considera o conceito difícil de definir, mas acredita ser importante partir do princípio que o brutalismo vem do movimento modernista que começa tanto nas artes quanto na arquitetura no período entre guerras.

“É um momento de crise econômica, social e um período de pessimismo muito intenso. Uma das principais premissas do modernismo é abrir mão do luxo e do ornamento, a arquitetura é tratada pela função, uma forma de abrigo”, reflete.

E é desse berço que vem o brutalismo, como

COMO TUDO COMEÇOU

A origem do brutalismo está intimamente ligada a Le Corbusier, que solidificou as principais características do estilo e as materializou na figura, ainda imponente, das Unités d'Habitation, unidades de habitação, construídas em Marselha, na França, entre 1945 e 1949.

No pós-guerra, foram criadas diversas obras brutalistas, mas seus criadores, não necessariamente tiveram seus nomes reconhecidos. Entre alguns deles se destacam, além de Corbusier, Auguste Perret e o casal Alison e Peter Smithson.

Assim como as obras de Le Corbusier, as de Auguste Perret se concentram na França. Segundo a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco), o arquiteto foi um dos principais responsáveis pela reconstrução do município de Le Havre, no noroeste francês, onde o concreto aparente é a grande estrela.

Alison e Peter Smithson concentraram suas criações em Londres e se referiam ao brutalismo e ao novo brutalismo, uma variação do estilo, como uma ética e não uma estética. Eles buscavam criar obras que conectavam a arquitetura com as realidades da vida moderna da Bretanha pós-guerra.

defende Luiza, apesar de achar que o estilo vai muito além, pois, enquanto o modernismo está muito focado na forma, o brutalismo tem um grande foco no material. “Percebo uma questão de mostrar a beleza inerente ao material. É um pingo de esperança na ruína. Algo como ‘essa é a forma mais econômica de fazer, mas olha como tem vida e pode ser bonito’”.

E para ela, sim, edificações construídas em outros lugares e momentos que não a Europa no pós-guerra podem ser chamadas de brutalistas. “É uma briga dentro da academia e não existe uma conclusão absoluta”.

Nessa discussão, Eduardo, que estuda e ensina a arquitetura, comenta que não costuma trabalhar com discussões estilísticas ou sentir a necessidade de estar o tempo todo definindo este ou aquele prédio como brutalista ou dentro de qualquer outra estética. Para ele, esse tipo de enquadramento reduz demais as obras, apesar de ressaltar a necessidade e utilidade desse tipo de organização.

Para o professor de arquitetura, é mais interessante manter o olhar aberto e entender as expressões das obras. “É olhar para essa arquitetura em Brasília, que tem uma expressão brutalista, menos do que uma integridade estilística, é essa expressão, essa manifestação plástica que valoriza o concreto”, completa.